

Europa Apostar em I&D será crucial no futuro, mas os governos podem cortar nos investimentos depois da pandemia. Processos de avaliação mais rápidos e eficazes é o que defendem os especialistas para uma União Europeia mais saudável

“Não deixar ninguém para trás”. Será que a UE consegue?

Texto **FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES**
Foto **JOSÉ FERNANDES**

Para que seja possível construir um continente mais bem preparado para as ameaças sanitárias do futuro será fundamental assegurar que todos os povos acedem de forma livre aos cuidados de saúde. “Não deixar ninguém para trás significa que todos os cidadãos europeus têm acesso aos tratamentos e medicamentos de que necessitam”, defendeu Diogo Serras Lopes durante a conferência “Inovar em saúde: não deixar ninguém para trás”, organizada na passada quarta-feira pelo Expresso com o apoio da Apifarma. O secretário de Estado-adjunto da Saúde disse ainda ser importante garantir que os doentes “têm capacidade para pagar”, algo que só é possível “com o equilíbrio certo entre inovação e acessibilidade”. Aliás, resistência, justiça social, digitalização e sustentabilidade são os quatro pilares que norteiam a política comunitária da União Europeia (UE), em especial no cenário pós-covid.

Com o aumento da esperança média de vida (ver caixa), surgem novos desafios associados ao envelhecimento da população e a uma maior pressão sobre os sistemas de saúde. “Temos cada vez mais idosos [na Europa] e isso vai mudar a procura a oferta na economia da saúde”, acredita Paulo Portas, vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa. A importância do aumento do investimento público neste sector tornou-se evidente com a chegada da pandemia, mas Dennis Ostwald, diretor executivo do instituto de pesquisa WIIOR, teme que, uma vez terminada a emergência, a tendência seja invertida. “Os Governos vão querer cortar investimentos em saúde, mas precisamos de os aumentar ou estabilizar para atingir os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU”, afirma.

Adicionalmente, os especialistas que participaram no evento apontam a ligação entre uma sociedade saudável e próspera. “A saúde é muito mais economia do que pensamos”, alerta João Almeida Lopes. O presidente da Apifarma lembra que é preciso considerar esse impacto — por exemplo, através dos doentes que mantêm atividade profissional com ajuda terapêutica. Existe, contudo, outro obstáculo para o futuro idealizado pela Comissão Europeia: a desigualdade no acesso dos europeus à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento. “A disponibilidade de medicamentos tem variações entre países”, diz Tim Wilsdon, vice-presidente da Charles River Associates, que atribui responsabilidade às regras regulamentares nacionais.

Burocracia decide entre a vida e a morte

Segundo Antonella Cardone, o tempo entre a autorização de introdução de um novo medicamento ou dispositivo no mercado e a sua efetiva disponibilização aos doentes pode variar entre 600 e 1000 dias, conforme a zona da Europa em que cada um vive. “Com frequência, um atraso significa uma alteração nas hipóteses de morrer ou



Peritos pedem reforço do apoio à investigação e inovação na área dos medicamentos para tornar a Europa mais resiliente no pós-covid



MAIS SAÚDE, MAIS EUROPA
O Expresso, com o apoio da Apifarma, vai acompanhar os principais momentos da saúde na presidência portuguesa da União Europeia. De março a junho, queremos saber como é possível neste sector construir uma Europa mais resiliente e competitiva, mais justa e equitativa, mais digital e mais verde. Nos próximos meses acompanhe a agenda do projeto no online e nas redes sociais do Expresso

sobreviver”, lamenta a responsável da Aliança Europeia de Doentes com Câncer. A especialista apelá, por isso, a uma maior cooperação na UE. A harmonização e partilha dos dados é a criação de um fórum multidisciplinar europeu. Nathalie Moll, diretora da Federação Europeia da Indústria e Associações Farmacéuticas (EFPIA), pede que sejam encontradas “soluções concretas” como tem sido feito desde o início da crise pandémica. “Trabalhamos em conjunto de forma inovativa nos últimos 12 meses”, recorda, esperando que a entrada e a colaboração permaneçam no futuro.

FRASES DA CONFERÊNCIA



“Estamos perto de ter uma política comum de saúde? Tenho dúvidas, mas pelo menos devemos estabelecer a partilha de responsabilidades a nível europeu”

Paulo Portas
Vice-presidente da CCIIP



“Temos de admitir que diferentes avaliações nos Estados-membros podem refletir-se em diferenças de acesso entre cidadãos europeus”

Cláudia Furtado
Diretora de avaliação do Infarmed



“Precisamos de soluções que promovam a competitividade da Europa, o acesso aos cidadãos de saúde e o I&D de inovação na área da saúde”

João Almeida Lopes
Presidente da Apifarma

ECONOMIA DA SAÚDE

Viver mais anos
 Desde 1990, os medicamentos e tratamentos da indústria farmacêutica acrescentaram até uma década à esperança média de vida dos portugueses, evitando cerca de 110 mil mortes.

Maior rendimento
 Melhor qualidade de vida significa, também, que os cidadãos podem contribuir para a economia do país. Através da inovação em saúde, os doentes mantêm-se ativos e geram cerca de €240 milhões em rendimento adicional por ano.

Menos despesa
 O avanço da ciência permite que, através de nova medicação e terapêutica, o sistema de saúde poupe mais de €560 milhões por ano em tratamentos.

Contributo nacional
 Além de um impacto total de cerca de €4,3 milhões no PIB, a indústria farmacêutica emprega diretamente 10 mil pessoas e indiretamente cerca de 40 mil.

Abaixo da UE
 O investimento em saúde representa, em Portugal, 9% do PIB nacional, enquanto a média europeia está fixada nos 9,9%. Em 2015, o país investia 0,04% em I&D farmacêutica, contra 0,18% na UE.